

Mundo

Eleições na Venezuela



RODRIGO ABDAP

Uma multidão de fãs do presidente lotou os arredores do Palácio de Miraflores, na capital do país, entonando: "Uh, ah, Chávez no se vá"

Chávez emplaca terceiro mandato

 Enviado Especial/Caracas
HUMBERTO TREZZI
humberto.trezzi@zerohora.com.br


Por 54,43% dos votos, presidente da Venezuela supera seu maior desafio eleitoral e garante nova reeleição para completar 20 anos no poder

Hugo Chávez ganhou a chancela dos venezuelanos para completar 20 anos no poder. O militar reformado e atual presidente venceu a corrida para se manter no cargo ao conquistar 54,42% dos votos, contra os 44,9% alcançados por seu principal opositor, o advogado Henrique Capriles. Foi a confirmação do que indicavam quatro das seis principais pesquisas eleitorais divulgadas nas últimas semanas. A autorização para El Comandante continuar mais seis anos à frente do Palácio Miraflores foi anunciada às 22h05min de ontem pelo Conselho Nacional Eleitoral da Venezuela.

Dos 18,9 milhões de venezuelanos aptos a votar, 13 milhões foram às urnas. Outros 263 mil optaram pelo voto nulo. Os céus de Caracas estavam ribombando de foguetes em comemoração dos grupos chavistas, ontem à noite. Mesmo antes do resultado, o presidente venezuelano estava otimista por três razões. A primeira é seu inegável carisma, com um discurso voltado para as camadas mais pobres

da população. Incita o ódio aos ricos (a quem chama de "burguesia corrupta") e, num modelo já explorado por Perón na Argentina, diz que vai defender sua "revolução" à custa da própria vida, se preciso. Foi o que repetiu numa entrevista coletiva às vésperas do pleito.

Foi também no sábado, um dia antes da eleição, que Chávez mostrou uma segunda razão para o otimismo sobre a vitória: o discurso populista vem acompanhado de dinheiro, muito dinheiro, despejado em obras e programas sociais. Principalmente às vésperas do pleito. No sábado, Zero Hora flagrou o governo liberando recursos de programas assistenciais (*leia ao lado*). Outro exemplo de investimento capaz de garantir muitos votos é o das casas próprias. Cada edifício construído com dinheiro governamental exibe retratos imensos de Chávez.

Nos últimos momentos, empenho da oposição caiu

A terceira razão é que a oposição diminuiu o ímpeto, na reta final. Sabe-se lá por qual razão, a movimentação dos



ANANA CHILLIS AP

Derrotado, Henrique Capriles conseguiu unir e fortalecer a oposição

apoiadores de Capriles em Caracas foi tímida, no domingo decisivo do pleito. Isso não quer dizer derrota, mas acanha os adeptos. O próprio Capriles, em vez de ir para o corpo-a-corpo, tirou o sábado para uma caminhada (quase escalada) no majestoso pico com florestas que emoldura Caracas, o Cerro El Ávila. Agradou aos jovens de classe média que praticam esportes radicais, mas terá causado bom impacto entre os pobres, maioria no país?

As filas de votação foram uma das marcas da democracia venezuelana. Elas tomaram quarteirões ao longo do dia. Alguns eleitores levaram até seis horas na espera. O problema era ter o nome encontrado pelos mesários. Desde as 6h, os venezuelanos começaram a se deslocar para votar e, mesmo assim, houve confusão.

Medo de convulsão

Os opositoristas conclamaram o povo a respeitar a voz das urnas.

– Estamos no começo de um caminho. Mais de 6 milhões de pessoas nos buscaram como caminho alternativo ao que está aí. Quero felicitar o presidente.

A verdade é que a calma apregoada pode ter percalços – pelo menos cinco pessoas morreram ontem próximas postos eleitorais. Tudo indica, contudo, que o temor de uma convulsão social, alardeado pelos dois lados da disputa, está longe de se concretizar. Pelo Twitter, Chávez deixou de lado o materialismo e liberou o lado religioso. "Graças a Deus. Graças a todos e a todas!"

Diário de Caracas

Che revive em favela da capital

Além do cubano Fidel Castro, outro guerrilheiro ilustre, já morto, dá os ares da graça em Caracas e também apoia o regime socialista bolivariano de Chávez. Na realidade, é um sócia ilustre de um dos maiores mitos revolucionários do mundo, o argentino Ernesto Che Guevara. Só que o Che que desfila em Caracas é nascido ali, na favela de Petare, a maior da América (*foto abaixo*).

O mecânico Humberto López, 54 anos, percorre as ruas de Caracas num jipe militar Willis verde, dotado de sistema de som, do qual emanam rocks. No domingo, ele estava perto do Palácio Presidencial Miraflores. Chamou tanto a atenção que até os carros paravam para tirar fotos. Apaixonado pelo chavismo "e por todas as revoluções", ele diz que guarda um fuzil em casa para defender Chávez, caso "as elites tentem tirá-lo de novo".



HUMBERTO TREZZI

Entrevista com estilo

Nesta cobertura, um dos grandes momentos foi a entrevista para estrangeiros dada pelo presidente Hugo Chávez, da qual participei, no Palácio Miraflores. Ao ver a multidão de jornalistas – que chamou de "enxame" –, falou por quase duas horas. Teatral, Chávez posou com uma belíssima espada, ganha numa visita ao Peru. Esbanjou otimismo com relação ao pleito, e deu voz a teorias conspiratórias contra o projeto bolivariano.

HUGO CHÁVEZ

Questionado se esta será sua última eleição presidencial, o presidente deu uma resposta dúbia.

“

Vinte anos não são nada, como diz o tango argentino. Não se trata de Hugo Chávez ficar duas décadas no poder. É que represento um novo tipo de projeto. Um sistema, que vai continuar, amparado em eleições.

Eleições na Venezuela



Apoiadores da coalizão opositora Mesa da Unidade ficaram frustrados ao saber da vitória de Chávez. Capriles agradeceu o apoio da população

Oposição agora mira eleições estaduais

– Tenho 40 anos de idade, faço parte de uma nova liderança desse país. Esse país tem mais futuro que passado – discursou ontem o candidato derrotado, Henrique Capriles, que, com a campanha presidencial, se consolida como o grande nome do antichavismo.

– Peço aos que hoje estão no poder respeito, reconhecimento aos quase 50% do país que não estão de acordo com esse projeto – continuou o ex-governador do Estado de Miranda, que, ao lado da coalizão opositora Mesa da Unidade (MUD), se prepara agora para a próxima disputa eleitoral: as eleições para governadores no mês que vem.

– Que nosso povo não se sinta derrotado. Quem foi derrotado fui eu. Esses mais de 6 milhões abriram um caminho – seguiu Capriles, vestido com abrigo esportivo com as cores do país, e no mesmo tom de crítica moderada

que disciplinadamente usou na campanha.

Apesar da frustração dos opositores, em alguns dos eleitores demonstravam satisfação pela trajetória do advogado desde cedo.

Capriles também indicou que não vai questionar os resultados divulgados na noite de domingo pelo Conselho Nacional Eleitoral.

Capriles prometeu não ser irresponsável

– O que o povo diz, para mim, é sagrado – disse, já no início de seu discurso de aceitação da derrota.

Pouco depois, respondendo ao questionamento de um jornalista, acrescentou:

– Nunca vou assumir uma posição que seja irresponsável.

Às 9h, num local de votação no centro, o economista Gerardo Pimentel, 48, não tinha esperança de levar menos de duas horas para votar.

Eleitor de Capriles, ele torcia por um resultado ao menos apertado, em caso de vitória de Chávez.

– Se o resultado for apertado, vai ser uma demonstração de força (opositora). Haverá luz no fim do túnel.

Jorge Rodríguez, líder da campanha de Chávez, disse que esta foi, “sem qualquer dúvida, a eleição mais disputada da história da Venezuela”.

Com a vitória, Chávez, 58, teve o mandato renovado até 2019, quando completará 20 anos no poder.

Essa foi a segunda vez em que ele foi reeleito para um mandato com duração de seis anos, regra que foi criada em um referendo que teve mais de 70% de aprovação, em 1999.



Partidária do MUD se desesperou com nova derrota

ENTREVISTA

Rafael Duarte Villa Cientista político venezuelano e professor da USP

“Essas eleições forçam o diálogo”

LÉO GERCHMANN

Dá para dizer que o cientista político Rafael Duarte Villa tem o perfil ideal para delinear o futuro da Venezuela depois das históricas eleições presidenciais de ontem. Duarte Villa é uma aparente contradição em si mesmo: tem o distanciamento recomendável para a análise descontaminada de emoções

locais e o envolvimento suficiente para uma análise abalizada.

Explica-se: Duarte Villa é venezuelano, mas vive e trabalha no Brasil, onde leciona política internacional na Universidade de São Paulo (USP).

Em resumo, ele acredita que, depois da eleição, a Venezuela será, nos próximos anos, um país mais aberto ao diálogo político. Confira a entrevista a Zero Hora:

Zero Hora – O que muda na Venezuela depois das eleições?

Rafael Duarte Villa – Não tem muito segredo. Haverá uma política interna de continuidade, um aprofundamento.

ZH – Não muda o fato de o presidente pela primeira vez ter enfrentado uma oposição unificada nas urnas?

Duarte Villa – Isso pode influenciar para haver a abertura em direção a um maior diálogo entre o governo e a oposição. Será necessário, é a principal mudança. Haverá o reconhecimento da oposição como ator político aglutinado. Fica claro que a oposição aperta o atual governo. É inevitável que se atenuem a polarização. Mas o resto da política

interna, com as iniciativas sociais, será ampliado. É importante lembrar que a própria oposição fala em aprofundar essas políticas sociais, essas políticas públicas. Talvez se aprofunde o processo de estatização da economia, especialmente em caso de vitória da situação.

ZH – Mas, de qualquer forma, com o resultado, haverá a imposição de mais diálogo no país?

Duarte Villa – Sim. Na verdade, não é automático. Essas eleições, como ocorreram, forçam, pressionam pelo diálogo. Deve, portanto, haver abertura de diálogo. O pleito podem ser um divisor de águas na relação entre o chavismo e as outras forças, independentemente do resultado.

PELO MUNDO

SOLDADOS MORTOS

Avião militar cai no Sudão

Pelo menos 20 soldados morreram ontem na queda de um avião militar de carga no Sudão, de acordo com a Autoridade de Aviação Civil do país. Outros oito ficaram feridos no acidente. A aeronave, um Antonov 12, de fabricação russa, saiu da capital Cartum com destino a El Fasher quando teve uma falha técnica e caiu em Jabal al Aulia, a 40 km da capital sudanesa. Nos últimos tempos, o Sudão sofre com uma série de acidentes aéreos causados pela falta de manutenção nos aparelhos. Em agosto, 32 pessoas, incluindo um ministro de Estado, morreram quando um avião caiu enquanto seguia para o sul do país, onde havia um festival islâmico.

REJEIÇÃO POLÍTICA

Líbia destitui primeiro-ministro

A Assembleia Nacional líbia rejeitou ontem a composição do novo gabinete proposta pelo primeiro-ministro eleito, Mustafa Abu Shagur, que foi destituído de suas funções. Um total de 125 membros da Assembleia não depositou confiança ao “governo de crise” proposto, contra 44 votos favoráveis e 17 abstenções. Segundo o regulamento do parlamento, este agora deve eleger um novo chefe de governo. O Congresso Geral Nacional discute o procedimento a seguir para eleger ou nomear um novo chefe de governo.

PERTO DA POLÍCIA

Carro-bomba explode em Damasco

Um carro-bomba explodiu ontem em frente ao prédio da polícia síria, em Damasco. A informação foi confirmada pela televisão estatal e pela organização opositora Observatório Sírio de Direitos Humanos. Segundo a emissora oficial, a bomba foi detonada por volta das 19h30min (13h30min em Brasília) na região de Fahameh, sul da cidade. Fontes oficiais definiram o ataque como “terrorista”. Pelo menos uma pessoa ficou ferida.

CURTÍSSIMAS

As forças armadas nigerianas mataram 30 pessoas do grupo fundamentalismo islâmico Boko Haram, incluindo um líder do grupo, em combates no Estado de Yobe, no nordeste da Nigéria.

O governo argentino ampliou as punições contra policiais encarregados da proteção das fronteiras terrestres e da polícia naval que realizavam ontem o sexto dia de manifestações em diferentes cidades do país exigindo melhores salários.